

(In)tolerância e preconceito linguístico no ciberespaço: reflexões acerca dos comentários de usuários

*(In)tolerance and linguistic
prejudice in cyberspace:
thoughts regarding user
feedback*

Valter Pereira ROMANO (UFLA)
valter.romano@hotmail.com

Brenda Chauane Edlene PEREIRA (FEPI)
brenda.cpereira@gmail.com

ROMANO, Valter Pereira; PEREIRA, Brenda Chauane Edlene. (In) tolerância e preconceito linguístico no ciberespaço: reflexões acerca dos comentários de usuários. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 331-350, ago./dez. 2017.

Resumo: O presente artigo visa verificar como a intolerância e o preconceito linguístico se dão nos comentários de usuários do ciberespaço e observar a ocorrência do monitoramento da linguagem neste ambiente de interação social. Para tanto, realizou-se a seleção de três matérias que foram publicadas na Internet: “A língua que a gente fala”; “Caipira conserva formas antigas da Língua Portuguesa” e “Em bronca, Caetano Veloso dá aula sobre como usar a crase e faz sucesso na web”. Dessas três publicações, foram analisados treze comentários com foco para a discussão sobre o preconceito, a intolerância e a tolerância linguística. Como pressupostos teóricos, utilizam-se, primordialmente, os da Sociolinguística. Dentre os resultados observados, pôde-se observar que, apesar de haver um número significativo de pessoas que aceitam de modo positivo as variantes linguísticas, ainda há uma grande parcela dos usuários do ciberespaço que não as aceita como algo natural e legítimo das línguas. Além disso, observou-se que os usuários que produzem comentários preconceituosos e intolerantes também cometem equívocos em suas construções frasais sem se darem conta disso.

Palavras-chave: Intolerância na linguagem. Preconceito linguístico. Ciberespaço.

Abstract: This article aims to verify how the intolerance and linguistic prejudice occur in the comments of cyberspace users and to observe the monitoring of language in this social interaction environment. Therefore, the selection of three materials published on the Internet was held: “A língua que a gente fala”; “Caipira conserva formas antigas da Língua Portuguesa” and “Em bronca, Caetano Veloso dá aula sobre como usar a crase e faz sucesso na web.” From these three publications, thirteen comments with focus for the discussion on the prejudice, the intolerance and the linguistic tolerance were analyzed. As theoretical assumptions, primarily those of sociolinguistic were used. Among the observed results, although there are a significant number of people who accept positively the language variants, there is still a large portion of cyberspace users that does not accept the variation as something natural and legitimate of the languages. In addition, it was observed that users who produce biased and intolerant comments also make mistakes in their phrasal constructions without taking care of it.

Keywords: Intolerance in language. Linguistic prejudice. Cyberspace.

Introdução

O presente artigo apresenta uma síntese de um trabalho monográfico, cujo objetivo principal foi discutir, sob o aporte teórico da teoria da variação linguística, o preconceito e a tolerância/intolerância linguística no ambiente virtual, ou seja, na *internet*.

A *internet* tem possibilitado a ampliação da cultura da sociedade, criando um lugar de interação social, um verdadeiro arranjo de relações que se dá pela interação de homem-máquina/ máquina-máquina/ máquina-homem, o que comumente se tem chamado de ciberespaço. Assim, “a partir das telas dos computadores, que servem de plataforma e via de acesso ao ciberespaço, é possível experimentar formas de viver e conviver nesse novo espaço” (NICOLACI DA COSTA; PIMENTEL, 2011, p. 7), o que tem aproximado as pessoas e servido de meio para interação social, mas, conseqüentemente, faz o usuário se sentir ‘autorizado’ para emitir opiniões e juízos de valores acerca de determinado assunto.

Em se tratando de língua, posicionamentos diversos fazem-se presentes no ciberespaço, pois, como falantes de língua portuguesa, as pessoas sentem-se autorizadas a darem sua opinião, o que, na maioria dos casos, revela a falta de discernimento a respeito da variação linguística e gera o preconceito e/ou a intolerância linguística.

Este trabalho objetiva discutir a intolerância e o preconceito linguístico na *internet*, pautando-se em comentários de usuários do ciberespaço publicados em três sites, a saber: Portal G1, Uol Educação e Folha Uol. As matérias veiculadas nestes sites, que compreendem o período de março a junho de 2015, tratam dos usos linguísticos, seja sob a perspectiva da variação linguística, seja sob o ponto de vista normativo.

Os pressupostos teóricos que orientam o desenvolvimento do trabalho, fundamentalmente, estão pautados em Leite (2008) e Bagno (2007), além de outros autores que tratam do tema nos artigos científicos selecionados e resenhados no estudo.

Esta pesquisa justifica-se pela necessidade de fazer uma reflexão que aborde a conscientização acerca da intolerância e o preconceito linguístico de forma que contribua com os estudos sobre esse tema. Desse modo, o artigo está dividido em três seções. A primeira apresenta uma caracterização do ciberespaço. A segunda seção traz a discussão sobre preconceito e (in)tolerância linguística, segue-se, a essa seção, a terceira, que apresenta a descrição e análise do *corpus* selecionado. Por fim, apresentam-se considerações finais, seguidas das referências bibliográficas.

Caracterizando o ciberespaço como local de interação social

Os processos de comunicação e informação estão, atualmente, ganhando força pelos meios digitais, tais como *websites* e aplicativos de celulares como *Whatsapp*, *snapchat*, *facebook*, *twitter*, *instagram* e *blogs*. Nesse sentido, o ciberespaço é um lugar de interação social.

O termo ciberespaço foi utilizado pela primeira vez pelo norte-americano William Gibson em um conto “Burning Chrome” em 1982, no entanto, pode-se encontrar também na literatura o uso desse termo na obra “Neuromancer”, de Gibson no ano de 1984, segundo Monteiro (2007). Gibson usou o termo ciberespaço com o significado de “ligação de base de dados”.

Não obstante, vale lembrar que não existe um consenso entre os estudiosos sobre o significado de ciberespaço. Assim, para alguns, a internet é apenas sinônimo de realidade virtual (RV). Porém, a RV é uma das perspectivas que o ciberespaço possui e é talvez a mais sofisticada (SANTAELLA, 2004).

O ciberespaço funciona por meio da conexão em rede, como uma grande teia que se constrói sem bordas e sem ponto central. Nesse arranjo, a comunicação eletrônica move-se na velocidade da luz, em tempo real. Assim, os usuários estão conectados por uma rede mundial que pode interferir em sua cultura, mesmo sendo uma realidade multidirecional e artificial que se incorpora a uma rede global que deriva, em parte, do mundo natural e físico. De acordo com Costa e Souza (2006, p. 87), “vemos a tela, mas não visualizamos a quantidade de informações, de comandos, expressões e códigos que estão por trás”.

Segundo Santaella (2004, p. 38) “isso quer dizer que a mesma tecnologia básica pode ser usada para transmitir todas as formas de comunicação”. Desse modo, a internet é um meio de comunicação que permite às pessoas se aproximarem virtualmente, possibilitando que elas se expressem e interajam.

A interação no ciberespaço se dá pelos diversos tipos de websites e aplicativos de celulares que contribuem para uma comunicação mais dinâmica e eficiente. No entanto, na mesma medida em que a internet facilita a interação social, ela também pode obscurecer o limite da liberdade de expressão de cada usuário e trazer à tona o preconceito e a intolerância linguística, revelados de forma patente em comentários de sites, *posts*, *twittes*, mensagens de celular, entre outros.

Preconceito e intolerância linguística

O preconceito e a intolerância linguística ainda não têm o mesmo impacto na opinião pública como dispõem as outras formas de preconceito e intolerância. Porém, todas elas são prejudiciais às “vítimas”, pois a linguagem é algo que caracteriza a individualidade de cada ser humano. Segundo Leite (2008, p. 13), “não é exagero, portanto, dizer que uma crítica à linguagem do outro é uma arma que fere tanto quanto todas as armas”. Para melhor esclarecer essa afirmação, é fundamental fazer algumas distinções a respeito do preconceito e da intolerância na linguagem.

Contrários ao pensamento comum, os termos preconceito e intolerância não são sinônimos. De acordo com Leite (2008), preconceito é o sentimento ou pensamento que pode levar o indivíduo à intolerância. Já esta conduz à postura explícita de não aceitação a qualquer opinião que seja distinta e isto se dá por meio de atitudes e comportamentos de agressividade ou de violência. Quando um indivíduo é intolerante à linguagem do outro, o comportamento apresentado por ele não é silencioso e calmo; diferente do preconceito que pode nunca se manifestar publicamente.

o preconceito não surge exclusivamente de uma dicotomia, pode ser uma rejeição, um “não-querer”, um “não-gostar” sem razão, amorfos, e pode até mesmo não se manifestar; a intolerância, por sua vez, nasce necessariamente de julgamentos, de contrários, e se manifesta discursivamente. É resultado da crítica e do julgamento de idéias, valores, opiniões e práticas (LEITE, 2008, p. 22).

Pautando-se em dicionários filosóficos, Leite (2008) afirma que, para Voltaire, o preconceito é um conceito sem juízo. No entanto, não é possível encontrar o significado de intolerância, por isso, é necessário recorrer à definição de tolerância e tentar entender que intolerância é a falta de tolerância.

Assim, ainda segundo Voltaire, afirma Leite (2008) que a tolerância carrega o sentido de aceitação das inúmeras diversidades, como crenças e opiniões, principalmente, religiosas e políticas. Sendo uma dádiva e vantagem que somente os seres humanos possuem, porém, nem todos a utilizam.

Marcondes (2004) complementa esse raciocínio, afirmando que

Em Bobbio, o autor após diferenciar o significado histórico e geral de tolerância, diz que diferentes “verdades” religiosas devem ser toleradas, sem que adeptos das várias religiões “abram mão” de suas doutrinas, porém, diferenças raciais, étnicas, entre outras, devem ser aceitas e respeitadas, não apenas toleradas. (MARCONDES, 2004, p. 3)

A intolerância linguística traz à tona discursos sobre a verdade (ou verdades) e, também, sobre a concordância/discordância acerca destas verdades que se opõem entre si. Já o preconceito linguístico não gera um discurso acusatório a respeito do outro, apesar de igualmente ser a não aceitação das diferenças. Nesse sentido, Leite (2008, p. 22), citando Bobbio, define que:

o preconceito, portanto, não tem origem na crítica, mas na tradição, no costume ou na autoridade. Pode o preconceito redundar em uma discriminação, mas não se manifesta discursivamente sobre argumentos que visam a sustentar ‘verdades’ (BOBBIO 1992 *apud* LEITE, 2008, p. 22).

Nesse raciocínio, depreende-se que as pessoas que têm intolerância linguística não necessariamente possuem também o preconceito, pois a intolerância será demonstrada a partir de uma autoafirmação de superioridade.

A intolerância e o preconceito linguístico possuem como base os processos políticos e sociais. Por isso, é costumeiro observar as associações entre língua e inteligência/falta de inteligência, competência/incompetência, beleza/feiúra, sucesso/insucesso. Isso prova que o preconceito exclui as minorias que usam as variações linguísticas e que também fazem parte de uma classe econômica inferior. Sendo assim, esta minoria é marginalizada, uma vez que:

o preconceito revela desconhecimento de algo, pois sendo ele ignorância dos fatos, no caso da sociolinguística, é o desconhecimento das variedades da língua e que estas são fenômenos presentes e visíveis nas manifestações da linguagem. (OLIVEIRA, 2012, p. 6)

O preconceito linguístico também é um preconceito social, pois muitos dos indivíduos falantes da variante não padrão não tiveram acesso à educação sistematizada das escolas e pertencem a uma classe social estigmatizada e desprestigiada, do mesmo modo, a língua falada por essas pessoas são consideradas feias e erradas.

No entanto, de acordo com Bagno (2007), a língua utilizada pelas pessoas de classe baixa é apenas diferente da ensinada na escola. O problema, na verdade, não está naquilo que se fala, mas, sim, em quem fala. Por exemplo, quando alguém de uma classe social elevada diz algo gramaticalmente “errado” ou vulgar, pode-se “fingir que não foi percebido”. Leite (2008), reforçando essa afirmação, explica que

Isso quer dizer que, se se tiver uma ideia favorável de uma pessoa, tudo o que ela fizer ou disser pode ser aceito, mesmo se o que disser ou fizer for errado, falso ou impreciso. Inversamente, se se tiver uma ideia desfavorável sobre alguém, tudo o que ela disser ou fizer pode ser rejeitado, mesmo se disser verdades ou se se fizer comportar corretamente. (LEITE, 2008, p. 27)

Desse modo, o preconceito só irá se cumprir se houver a incompatibilidade entre a pessoa e seus atos, e vice e versa. É necessário, contudo, observar que existe tanto preconceito quanto intolerância positiva e negativa.

O preconceito pode ser confundido com a definição negativa de tolerância no sentido de passividade com o que não é aceitável ou correto. A intolerância com sentido positivo possui a carga semântica de severidade e firmeza, assim, com a interpretação positiva, tanto a tolerância quanto a intolerância não provocam atos que agredem a integridade física das pessoas. Entretanto, “sob o ponto de vista da integridade moral e ética da sociedade, violentos, os de preconceito também não o são” (LEITE, 2008, p. 28).

Já o preconceito positivo acontece quando as características boas da pessoa sempre são colocadas em primeiro lugar, independente de seus atos serem ou não corretos. De qualquer modo, consoante Leite (2008), o preconceito e a intolerância devem sempre ser combatidos.

Descrição e análise dos dados

Considerando-se os objetivos do trabalho, são analisados comentários publicados na internet referentes a três matérias divulgadas pela mídia digital.

A primeira matéria refere-se à série do Jornal Hoje intitulada “A língua que a gente fala”, exibida pela emissora Rede Globo de Televisão e posteriormente publicada em website do telejornal¹.

A segunda matéria intitula-se “Caipira conserva formas antigas da Língua Portuguesa” e foi veiculada na página do site UOL EDUCAÇÃO².

A terceira e última matéria, cujos comentários são aqui analisados, refere-se à reportagem da Folha UOL na qual o cantor Caetano Veloso aborda um tema gramatical relacionado ao uso indicativo de crase³.

Com base nessas três matérias divulgadas na internet⁴, foram analisados os comentários que apresentam preconceito, intolerância e tolerância linguística.

Série “A língua que a gente fala”: contextualização

A série “A língua que a gente fala”, de Ana Zimmerman, foi apresentada no Jornal Hoje da Rede Globo de Televisão no período de 16 a 20 de março de 2015 e publicada no *website* do telejornal. A série, dividida em seis episódios, trata da língua falada pelos brasileiros em diferentes contextos de uso, evidenciando, inclusive, o posicionamento de renomados linguistas acerca da temática.

Para desenvolver essa série, Zimmerman percorreu seis Estados federativos e o Distrito Federal, a fim de coletar como realmente as pessoas de diferentes comunidades falam no dia a dia, pois, segundo muitos linguistas renomados, como Ataliba Teixeira de Castilho, professor da Universidade de São Paulo (USP) e Unicamp, no geral não existe “certo ou errado” na língua falada e o importante é que os indivíduos se entendam.

¹ Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2015/03/serie-do-jornal-hoje-fala-sobre-lingua-coloquial-falada-nas-ruas.html>>

² Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2015/03/27/caipira-conserva-formas-antigas-da-lingua-portuguesa-afirma-pesquisadora.htm>>

³ Disponível em: <<http://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2015/06/1646555-em-bronca-caetano-veloso-da-aula-sobre-como-usar-a-crase-e-faz-sucesso-na-web-assista.shtml?cmpid=facefolha>>

⁴ Para análise, são selecionados os comentários postados no período de 16 de março de 2015 a 23 de junho de 2015.

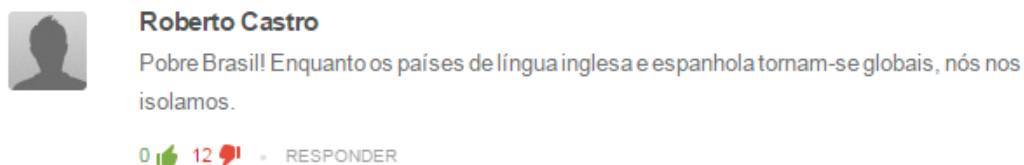
Um dos episódios traz uma entrevista com o rapper Emicida, que faz observações acerca do uso da língua falada em suas composições. O cantor explica que a língua espontânea é mais rápida e emocional, por isso atinge o seu público-alvo de forma pessoal. Ao longo da série, é questionado se o leitor/telespectador sabe que algumas formas de falar consideradas erradas atualmente são formas antigas trazidas pelos portugueses. Afinal, a língua é viva e mutável. Em um episódio final, são abordados aspectos sobre as marcações do plural que estão sendo “esquecidas”, bem como o pronome “nós” que está sendo substituído por “a gente”. Além disso, é mostrado o quanto a língua portuguesa falada em Portugal se distanciou do português falado no Brasil.

Análise dos comentários

A série na internet gerou quatorze comentários durante o período de 16 a 30 de março de 2015, que foi o recorte temporal considerado neste estudo. Nesses comentários, observa-se a presença de um comentário preconceituoso, um intolerante e doze abordagens tolerantes em relação ao conteúdo da série.

No comentário a seguir (Figura 1), pode-se observar que o leitor, sob o pseudônimo Roberto Castro, faz um comentário preconceituoso ao colocar o Brasil como “pobre” por haver variações linguísticas. No entanto, ele não acusa determinado indivíduo ou região por essas variações e ainda se inclui, ao dizer que os brasileiros estão ficando isolados do restante do mundo. Desse modo, o preconceito desse leitor apóia-se em um sentimento e ideia cultural de que a língua brasileira está perdendo sua origem e valor em comparação à inglesa e à espanhola.

Figura 1 – Comentário preconceituoso

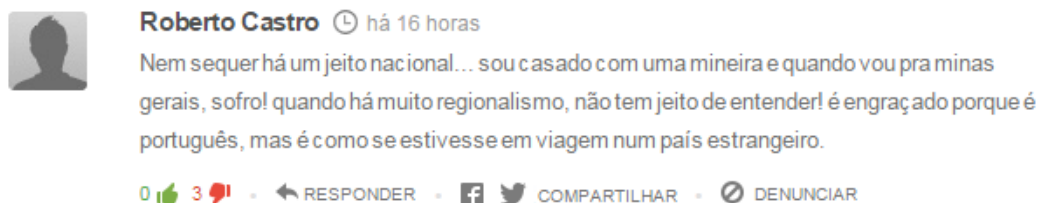


Fonte: Portal G1

No comentário apresentado na Figura 2, verifica-se que o leitor Roberto Castro (mesmo pseudônimo do comentário anterior) inicia seu comentário com a conjunção “nem”, sugerindo que não há uma língua

própria do Brasil. No entanto, apesar de não haver uma uniformidade ou homogeneidade linguística no Brasil, bem como em qualquer outro país, o português falado pelos brasileiros, independentemente da região, segue a mesma estrutura gramatical, desse modo tem-se uma língua nacional e dentro dela, as variações linguísticas.

Figura 2 – Comentário intolerante



Fonte: Portal G1

Ainda sobre o comentário de Castro (Figura 2), o leitor justifica-se como conhecedor sobre uma variação linguística, mencionando que é casado com uma mineira, para ter autoridade em dizer que “sofre” quando entra em contato com esta variação. Este tipo de comentário pode ser considerado como intolerante por haver da parte desse indivíduo uma dificuldade em se manter exposto à variação.

É interessante observar que a reação dos internautas frente aos comentários de Castro (Figuras 1 e 2) foi negativa, indicado pelo polegar apontado para baixo, ou seja, os leitores da matéria e dos comentários dela decorrentes reprovam posicionamentos, como os que estão expressos nas figuras supramencionadas, o que evidencia julgamentos de valor frente a posicionamentos preconceituosos e intolerantes.

No próximo comentário (Figura 3), é notável uma mudança no modo de como o leitor reage à variação linguística e à matéria veiculada pela reportagem, pois ele mostra apoio ao combate do preconceito linguístico e parabeniza a redação pela série. Desse modo, pode-se afirmar que esse comentário carrega o valor de tolerância linguística por evidenciar a aceitação à diversidade linguística.

Figura 3 – Comentário tolerante

**Vanderson Soares**

Gostaria de dar meus parabéns ao pessoal da redação do Jornal Hoje pelo belo quadro. Precisamos de iniciativas assim, para melhorarmos nossos parâmetros e avançarmos em nosso ensino. Vejo com muito bons olhos esse debate que contou com a participação de especialistas, personalidades e falantes das mais diversas partes do Brasil. Eu como professor/pesquisador da UERJ gostaria de ver alguns de meus mestres opinando nomes como: Evanildo Bechara, José Carlos Santos de Azeredo e Claudio Cezar Henriques todos enriqueceriam o debate com suas experiências e inteligência.

12 👍 0 👎 • RESPONDER

Fonte: Portal G1

Continuando nesta perspectiva, observa-se que o leitor que utiliza o pseudônimo Luís Marques (Figura 4) pronuncia-se a favor da matéria publicada e apóia o esclarecimento das variantes linguísticas existentes no território brasileiro. Marques justifica o fato de ter ficado feliz com a série, no final de seu comentário afirmando ser linguista, ou seja, este leitor mostra-se conhecedor do assunto, para que seu comentário tenha validade.

340

Figura 4 – Comentário tolerante

**Luis Marques**

Parabéns!! Primeiro pela iniciativa de tratar desse assunto e segundo pela qualidade e clareza com que vocês apresentam esse material. Como linguista, fico muito feliz!

13 👍 0 👎 • RESPONDER

Fonte: Portal G1

No comentário apresentado na Figura 4, há a presença da tolerância linguística a respeito da falta de clareza desse assunto aos demais cidadãos, além disso, Marques expõe que o tema não é abordado frequentemente pelas mídias ou não é tratado de modo a ser compreendido por todos os indivíduos. Portanto, o linguista não só aceita como também respeita as variações presentes na linguagem, por isso sua tolerância pode ser compreendida de modo positiva, segundo os estudos de Leite (2008). Os leitores desse comentário apoiam favoravelmente o posicionamento do usuário Marques, sendo 13 respostas positivas à opinião do usuário, usualmente indicado em postagens da internet e redes sociais pelo “joinha”.

A seguir, no comentário feito pela leitora que se identifica pelo pseudônimo Esther Fernanda (Figura 5), pode-se observar a presença de tolerância linguística, pois esta leitora coloca de modo claro sua opinião positiva a respeito da importância de explicar e ensinar esse tema nas mídias.

Figura 5 – Comentário tolerante



Esther Fernanda

Gostei bastante da reportagem! É muito interessante esse tema, pois tem muita coisa que várias pessoas não sabem. E da forma que é apresentado, é fácil e rápido de aprender. Vou acompanhar com certeza!!

4 0 RESPONDER

Fonte: Portal G1

De acordo com Esther, muitas pessoas não entendem a existência da variação linguística. Essa falta de conhecimento dos indivíduos se dá, segundo Bagno (2007), devido ao fato de que o ensino de língua portuguesa no Brasil ainda está voltado para a gramática normativa, não levando em consideração a língua internalizada. Dessa forma, o comentário de Esther apresenta uma aceitação não passiva, mas, sim, positiva em relação ao “diferente”. Posicionamento este que é ratificado por quatro leitores que aprovam tal comentário.

Reportagem “Caipira conserva formas antigas da Língua Portuguesa, afirma pesquisadora”

A matéria “Caipira conserva formas antigas da Língua Portuguesa afirma pesquisadora”, de Izabelle Mundim, foi publicada na página da Uol Educação no dia 27 de março de 2015. A matéria é iniciada com uma pequena introdução elaborada pela jornalista que posteriormente expõe as quatro perguntas feitas à pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa, Soraia Reolon Pereira.

Nessa reportagem, a professora e pesquisadora Soraia Reolon Pereira explica que algumas formas como *pranta* e *fruta*, usadas pelos “caipiras”, são, na realidade, vocábulos do português culto deixados pelos portugueses que foram preservados e continuam atuais na fala coloquial, em geral, entre as pessoas sem escolaridade, da zona rural. Desse modo, esse tipo de fala é apenas uma conservação de formas antigas com valor histórico.

Seguindo com a matéria, a repórter Izabelle Mundim cita que, no ano de 2014, foi lançado o livro “Vocabulário do Português Medieval” pela Fundação Casa de Rui Barbosa que reúne 170 mil palavras. Os vocábulos constantes da obra foram coletados em documentos e textos literários preservados da época medieval. Dentro dessa coletânea, encontram-se variantes que atualmente fazem parte da língua padrão, vocábulos que se mantêm somente na fala dos “caipiras” e outras que foram extintas.

Ao ser iniciada a entrevista, Soraia Reolon Pereira explica que não existe na modalidade falada, a forma certa ou errada, pois o importante é que a comunicação seja bem feita, pois o conceito de “certo” e “errado”, em se tratando de Língua Portuguesa, está relacionado à gramática normativa ou prescritiva. Além disso, a pesquisadora define o que é o arcaísmo e esclarece como os “caipiras” conservam os vocábulos considerados medievais.

Análise dos comentários

A matéria teve três comentários no período entre 27 de março a 05 de abril de 2015. Nesses comentários, constata-se a presença de dois comentários intolerantes e um tolerante. A Figura 6 ilustra um desses comentários.

Figura 6 – Comentário intolerante



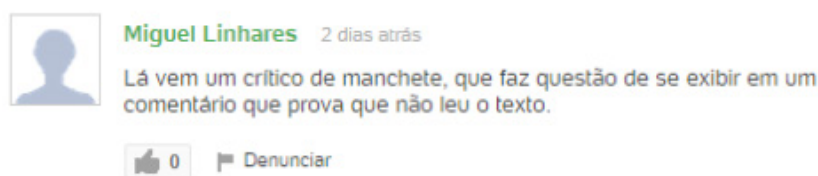
Fonte: Uol Educação

Nesse comentário, pode-se observar que o leitor, cujo pseudônimo é “Saciperê”, possui posição intolerante perante a matéria e as explicações feitas pela pesquisadora Soraia Reolon Pereira. A intolerância nesse caso é evidenciada pelo uso da figura de linguagem *ironia* que mostra um descontentamento para com os usuários das variantes citadas na matéria. Essa ironia é formada pela sequência de palavras colocadas entre aspas, o que retrata uma clara falta de entendimento por parte deste leitor com o que foi explicado durante a entrevista. Além disso, ao dizer ironicamente que se deve “respeitá a language”, na realidade, ele quer passar a ideia de que essas variantes não merecem respeito algum.

Logo após, Saciperê faz uso da palavra “petista” no meio do nome oficial da instituição que patrocinou a pesquisa de Pereira, o termo “petista” está sendo empregado no sentido de que a pesquisadora é de esquerda, ou seja, ela é contrária às questões consideradas pelo usuário como corretas.

Esse comentário acima deu origem a uma resposta, que mostra uma perspectiva tolerante à matéria e faz uma crítica ao leitor “Saciperê” (Figura 7):

Figura 7 – Comentário tolerante

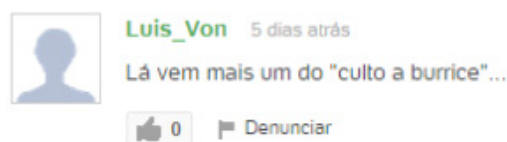


Fonte : Uol Educação

No comentário do usuário que se identifica com um possível pseudônimo de Miguel Linhares (figura 7), foi produzida uma crítica ao comentário intolerante de Saciperê. Nessa crítica, Linhares afirma que o comentário de Saciperê foi construído com base apenas na manchete. Desse modo, falta conhecimento para tal comentário intolerante. Por isso, Linhares se mostra tolerante de modo positivo para com as variantes linguísticas expostas na matéria, ao defender as explicações dadas pela pesquisadora durante a entrevista e ao repreender a atitude intolerante.

Em seguida, o comentário de Linhares (figura 7) deu origem à outra resposta de caráter intolerante (Figura 8).

Figura 8 – Comentário Intolerante



Fonte: Uol Educação

Esse comentário, feito como resposta a Linhares, é intolerante por caracterizar as pessoas que defendem as variantes linguísticas como

“burros”, utilizando-se da estrutura sintática ‘Lá vem...’ como forma de satirizar o comentário anterior. O usuário, cujo pseudônimo é Luis__Von, não aceita o que diverge do que ele considera verdade.

As atitudes desses dois comentários intolerantes revelam a diferença entre o preconceito linguístico e a própria intolerância na linguagem. Esses comentários não são apenas preconceituosos, passam a ser intolerantes, pois há um ponto de vista radical sobre o tema abordado. Observa-se que a pesquisadora (especialista no assunto) trouxe uma visão científica e esclarecedora a respeito de um assunto importante, respaldando-se em pesquisas acadêmicas desenvolvidas no âmbito da Fundação Casa de Rui Barbosa, que, inclusive, teve como presidente um dos mais importantes gramáticos brasileiros, Evanildo Bechara e é associada à Academia Brasileira de Letras.

A despeito de estar ligada a uma instituição respeitável, em geral, os usuários cujos comentários são intolerantes descartam todo conhecimento e embasamento científico da pesquisadora e criticam seu estudo, o que, segundo Possenti (2008), não ocorre com especialistas de outras áreas, como geneticistas ou biólogos.

Por que este evento ocorre com os linguistas e não se cumpre da mesma maneira com profissionais de ramos diferentes? Por que especialistas de outras áreas têm mais respeito e credibilidade ao tratar de sua especialidade do que um linguista ao tratar de seu objeto de estudo, a língua? Será que este episódio se dá devido à má formação de professores e a um ensino de língua portuguesa problemático e equivocado? É importante que haja uma preocupação com estes questionamentos, pois isto gera a intolerância linguística.

Reportagem “Em bronca, Caetano Veloso dá aula sobre como usar crase e faz sucesso na web; assista”

A matéria publicada, em 23 de junho de 2015, na página virtual Folha Uol, refere-se ao vídeo publicado na página do cantor baiano Caetano Veloso no Facebook. Esse vídeo mostra um momento de indignação do cantor por haver um equívoco no uso do acento indicativo de crase em sua página do Facebook. Vale lembrar que esse equívoco foi cometido pela equipe do cantor que cuida de suas redes sociais.

No vídeo, Caetano explica que só se usa crase antes de substantivos femininos e que a crase é a junção da preposição “a” com o artigo definido feminino “a”. Desse modo, na frase “Homenagem a

Bituca (apelido de Milton Nascimento)” não se deve colocar o acento grave no “a”, porque Bituca, nesse caso, é um apelido para um homem. Logo após fazer esta explicação, o cantor se irrita e diz que esse tipo de “erro” é chato e o considera idiota. Ao prosseguir em sua fala, o cantor afirma que os linguistas incentivam as pessoas a não usarem crase e que é necessário que todos saibam o português⁵.

Ao postar essa bronca, explicando o uso da crase, mais de 12 mil pessoas curtiram a posição do cantor, apoiando assim sua indignação.

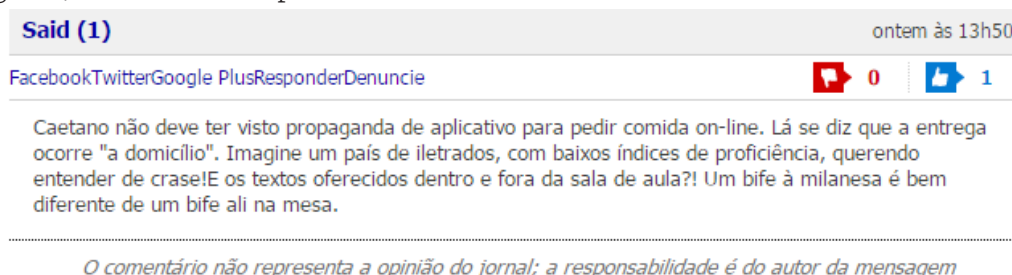
Análise dos comentários

A matéria gerou onze comentários dos quais quatro são tolerantes, quatro são preconceituosos e três são intolerantes em relação às variantes linguísticas e, por extensão, às pessoas que não dominam o uso indicativo de crase. Para este artigo, foram selecionados dois comentários preconceituosos, dois intolerantes e um tolerante.

Na Figura 9, observa-se o comentário de um usuário que se denomina Said, que considera o povo brasileiro iletrado e diz que os índices de proficiência na língua materna são baixos. Esse tipo de comentário é preconceituoso, pois, segundo Bagno (2007), todo falante nativo domina a língua materna antes mesmo de frequentar as aulas de português.

Esse comentário ilustra o segundo mito de Bagno (2007), evidenciando o complexo de inferioridade que os brasileiros possuem e mostra o pensamento de que somente alguns “iluminados” sabem português.

Figura 9 – Comentário preconceituoso

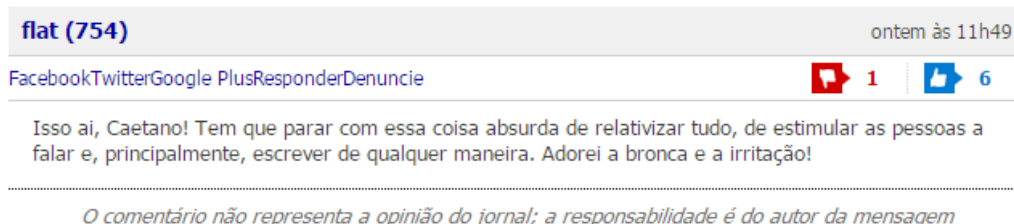


Fonte: Portal F5

⁵ O Vídeo com a crítica de Caetano pode ser visualizado em: https://www.youtube.com/watch?v=DT9TDIAS_fQ

No segundo comentário selecionado (Figura 10), há a presença de preconceito linguístico, pois, ao dizer que as pessoas estão sendo estimuladas a falar e escrever de qualquer maneira, fica evidente uma falta de conhecimento das variantes linguísticas. Esse tipo de posicionamento é essencialmente construído no senso comum e não está baseado em verdades. Assim, esse comentário manifesta um repúdio às variantes linguísticas, o que é endossado por seis usuários que indicaram apoio por meio de *likes*.

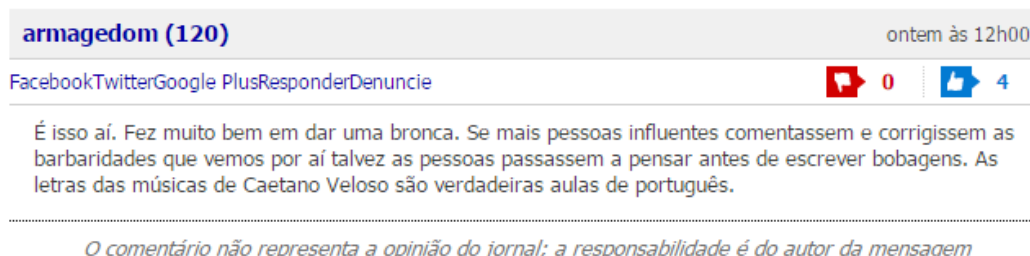
Figura 10 – Comentário preconceituoso



Fonte: Portal F5

No comentário (figura 11), o usuário “*armagedom*” apóia a atitude de Caetano em dar a bronca pelo equívoco no uso da crase, considerando as variantes linguísticas de forma depreciativa, verdadeiras “barbaridades”. De acordo com o dicionário Priberam, a palavra “barbaridade” significa atrocidade, ausência de civilização, atraso, ignorância, incivilidade, erro grosseiro e tolice, ou seja, a variação linguística, para esse usuário, são formas grosseiras face às letras das músicas de Caetano que são “verdadeiras aulas de português”, posicionamento este apoiado por quatro leitores.

Figura 11 – Comentário intolerante

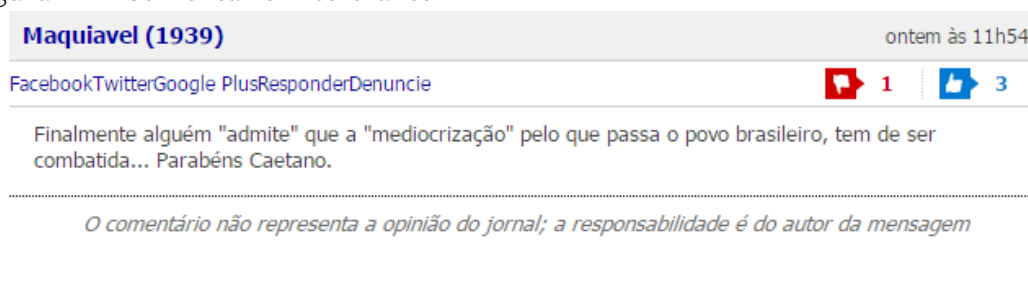


Fonte: Portal F5

Logo após mencionar que as variantes linguísticas encontradas “por aí” são “barbaridades”, *armagedom* faz um juízo de valor, dizendo que as pessoas, ao escreverem fazendo uso das variantes linguísticas, não pensam antes de construir suas frases e denomina as variantes como bobagens. Desse modo, o comentário (figura 11) é intolerante, pois considera não só as variantes linguísticas de forma depreciativa, mas também os usuários, que, por extensão, são tolos e ignorantes.

No quarto comentário selecionado (figura 12), pode-se observar também a presença de intolerância linguística, visto que, ao se referir a que o povo brasileiro está passando por uma “mediocrização”, o usuário, cujo pseudônimo é *Maquiavel*, faz um juízo de valor, já que a palavra mediocrização é oriunda do verbo mediocrizar que significa, segundo o dicionário Priberam, “banalizar, tornar-se vulgar”. Ao fazer uso desta palavra em seu comentário, o leitor *Maquiavel* considera as variantes linguísticas banais e sem valor para a construção da língua portuguesa.

Figura 12 – Comentário intolerante

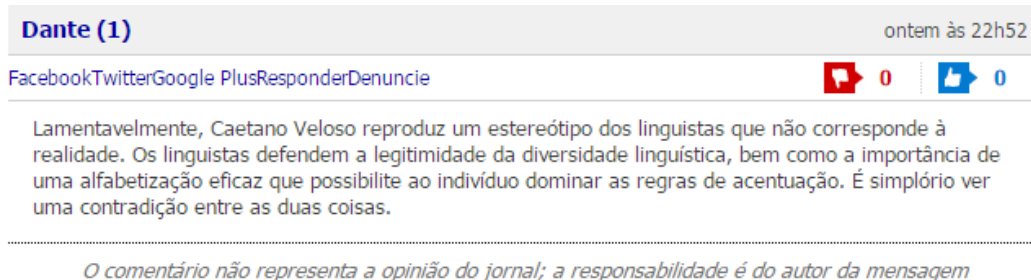


Fonte: Portal F5

Para terminar, em seu comentário, *Maquiavel* menciona que o uso das variantes deve ser combatido, o que prova a não aceitação da variação linguística como algo legítimo e parabeniza a postura do cantor Caetano.

Já o comentário apresentado na Figura 13, feito pelo usuário *Dante*, possui uma postura tolerante, ao contrariar o posicionamento dos outros usuários e, principalmente, o de Caetano Veloso. *Dante* lamenta a atitude do cantor, deixa clara sua aceitação em relação às variantes linguísticas e explica que, na realidade, os linguistas defendem a diversidade da língua e o ensino da língua portuguesa, para que o indivíduo consiga transitar por todas as variantes linguísticas com naturalidade, mostra-se, portanto, de forma coerente com a verdade.

Figura 13 – Comentário tolerante



Fonte: Portal F5

Interessante observar que este comentário não teve apoio dos leitores, pois nenhum usuário indicou no botão ‘gostei’.

O comentário acima deixa explícito que a postura dos linguistas é de mostrar que a língua é viva e sujeita a mudanças, por isso é um erro defender uma língua homogênea. Desse modo, falas como de *armagedom* (Figura 11) não correspondem à verdade, pois não é a correção de “pessoas influentes”, consideradas iluminadas por alguns sujeitos, que têm o direito de implantar seus conceitos de certo e errado na fala dos indivíduos. Isso só fomenta uma atitude intolerante ou preconceituosa.

348

Considerações finais

Neste trabalho, refletiu-se sobre o preconceito, a intolerância e a tolerância linguística no ciberespaço. Com base nos estudos de Leite (2008) e Bagno (2007), certificou-se que o preconceito, a intolerância e a tolerância são termos que possuem diferentes significados e são empregados por indivíduos com pontos de vista distintos e que o preconceito e a intolerância são formados em diferentes níveis de não aceitação das variantes linguísticas; isso se dá pela falta de conhecimento do assunto e pelas crenças linguísticas enraizadas nos indivíduos por motivos históricos e socioculturais, o que fomenta comentários baseados no senso comum. Constatou-se ainda que o preconceito e a intolerância não são linguísticos, mas sim, sociais.

Com esta pesquisa, pôde-se analisar que a intolerância e o preconceito linguístico ocorrem também por meio de comentários em postagens de matérias sérias, elaboradas por linguistas (especialistas sobre o assunto) que tentam esclarecer aspectos importantes acerca das variantes linguísticas. Estes comentários são construídos com a intenção de ofender, coagir e ironizar os usuários e os linguistas. Os usuários do

ciberespaço que possuem uma postura intolerante ou preconceituosa não observam que é importante transitar pelas modalidades da língua portuguesa, pois, em cada situação do dia a dia, é necessário admitir uma postura linguística. Nesse sentido, o uso das variantes linguísticas também é relevante para haver pleno entendimento em um diálogo.

Para realizar esta reflexão, foram selecionados treze comentários publicados durante 2015 em postagens de matérias jornalísticas na internet. Desses treze comentários, verificou-se que cinco são tolerantes, cinco são intolerantes e três são preconceituosos. Nesse sentido, pode-se observar que, apesar de haver um número significativo de pessoas que aceitam de modo positivo as variantes linguísticas, ainda há uma grande parcela dos usuários do ciberespaço que não as aceita como algo natural e legítimo em todas as línguas. Além disso, observa-se que os usuários que produzem comentários preconceituosos e intolerantes também cometem equívocos em suas construções frasais sem se darem conta disso.

Para finalizar, é de suma importância que haja um maior esclarecimento acerca do uso das variantes linguísticas nas escolas e pelos diferentes tipos de mídias sociais. Todavia, apesar de a imprensa televisiva já estar aberta a tornar esse assunto de conhecimento de todos, é necessário que essa questão seja discutida em mais espaços, para, assim, se ter uma nação consciente da língua que fala e escreve, diminuindo o sentimento de inferioridade linguística do brasileiro, que, por vezes, se sente estrangeiro em seu próprio país.

Referências

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2007.

COSTA, Marco Aurélio Borges; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de. **Abordagens antropológicas do ciberespaço e da cibercultura**. RJ: Tempo Brasil, 2006 p. 85-94.

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e Intolerância na Linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARCONDES, Iara Lucia. Metalinguagem e Intolerância Linguística. **Letra Magna**: Revista eletrônica de divulgação científica em língua portuguesa, linguística e literatura. Ano 01, n. 1, 2004, p. 1-11. Disponível em: < <http://www.letramagna.com/iaraluciamarcondes.pdf> >. Acesso em: 14 nov. 2016

MONTEIRO, Silvana Drumond. O Ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. **DataGramZero** – Revista de Ciência da Informação – V. 8 n. 3, 2007, p. 1-18. Disponível em: < http://www.brapci.ufpr.br/brapci/_repositorio/2010/01/pdf_31a590c998_0007547.pdf >. Aceso em: 12 nov. 2016.

NICOLACI DA COSTA, Ana Maria; PIMENTEL, Mariano. Sistemas colaborativos para uma nova sociedade um novo ser humano. In.: PIMENTEL, M.; FUKS, H. **Sistemas colaborativos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011, p. 3-15.

OLIVEIRA, Levi José de. Preconceito Linguístico e Intolerância em espaços virtuais. In.: 4º SIMPÓSIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO; COMUNIDADES E APRENDIZAGEM EM REDE. UFPE: **Anais...**, 2012, p. 1- 18.

POSSENTI, Sírio. Como água e óleo. **Língua Portuguesa**, v. 32, p. 46-48, 2008.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço**: O perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

Recebido em: 15 de fev. de 2017.

Aceito em: 17 de jul. de 2017.